



Centro Acadêmico

Iara Javelberg

BOCA

Boletim Oficial do Centro Acadêmico

Número 28 13 de novembro de 2001 www.psicousp.org boca@yahogroups.com Tiragem: 250 exemplares

ESPERAMOS VOCÊ PARA A CALOURADA DE 2002!!!!

Carol (01) & Domenico (97)

Mais uma vez está se preparando a recepção dos calouros do ano que está por vir. Neste ano contamos com um grupo empenhado do qual participam o futuro 2º ano, CA e Atlética.

Você que lembra como foi bem recebido e sabe que para uma recepção ser calorosa é necessário, antes de mais nada, a participação e o entusiasmo dos veteranos, não fique só no saudosismo e venha colorir esse quadro receptivo!

Agora que já o (a) convencemos a dar sua contribuição para nossa comissão (um tanto esvaziada, diga-se de passagem), apresentaremos abaixo as atividades por nós idealizadas:

- "**kit bixo**": que conterà, além de um manual original e divertido construído com sua ajuda, artefatos peculiares, como camiseta, régua, caneta, agenda,

adesivo e chaveiro psi, camisinha, crachá de identificação, tíquete do bandeirão, vale transporte do circular, ingressos para o CINUSP etc., tudo por um preço reduzido ao máximo (devido à corrida maluca por patrocínio).

- **atividades de integração**: aula trote, gincanas (brincadeira do pirulito, leilão de bixos e bixetes, show de calouros, e outras sugeridas, além do tradicional *psicotour*), "*happy hours*", vivências, atividades esportivas (CEPEUSP e piscina) pedágio e o famoso "churrasco dos bixos".

- **atividades acadêmicas**: exibição do filme "Bicho de sete cabeças", contando com posterior debate com membros do Movimento de Luta Antimanicomial; aula inaugural, e apresentação das entidades psi.

Como posso Participar???

É muito fácil, há várias opções, é só escolher. Você pode:

- se você tiver dons artísticos, pode fazer um desenho bem legal para a camiseta da Calourada 2002 e para a capa do Manual dos Bixos;

- se tem dons artísticos mas não desenha, pode se candidatar a (falso) professor da Aula Trote;

- se não tem dons artísticos mas criatividade e boa vontade pode escrever algum texto pro Manual dos Bixos. Sugerimos, dentre outros possíveis, alguns temas: Eventos (Interpsico, BIFE, Semana de Psicologia, EREP e ENEP), Baladas (dos eventos ou "*happy hours*"), Dicionário Psico-USP, Assistência estudantil (como se inscrever para bolsas trabalho, moradia, alimentação e monitoria, pesquisa), Formação (reforma curricular e nota E no provão), ou qualquer relato pessoal interessante. E mais, se você

gosta de dar um tom bem humorado prás coisas, mande tiras / quadrinhos psicológicos (são muito bem vindos) ou reverencie algum "figura" da Psico mandando uma breve descrição do porquê ele é peculiar para a seção "Lendas da Psico".

- **Entidades Psi**: sugerimos que escrevam um texto de apresentação da entidade bem descontraído e focal pro Manual dos Bixos. Procurem a comissão para discutir a apresentação e outras possíveis atividades dentro da semana de recepção.

- **Veteraníssimos**: ajudem-nos com a aula trote elaborando questões "absurdas" sobre Psicologia para uma "prova trote", que dividiria a turma em duas (os com conhecimento prévio em Psicologia e os outros). E para os interessados em ajudar a por em prática as atividades idealizadas, lançamos o convite: venham compor esta comissão, pois se cada um ajudar um pouquinho o trabalho será leve e a semana de recepção muito divertida. Como Marx já dizia "um mais um é maior que dois"!

NESTA EDIÇÃO:

	pág
Rapidinhas do BIFE 2001	02
IP 30 anos - fala dos alunos	03
Busílis e Javé	04
Cecília Meireles: poesia e prosa	05
Controvérsias sobre a nova decoração do banheiro feminino	06
O Último Capítulo do Primeiro.	07

COMISSÃO

ORGANIZADORA:

Carlos Hideaki Fujinaga
"Batata" (99), Danilo
Silva Guimarães (01),
Guilherme Gibran
Pogibin (98), José Israel
Guedes Rodrigues (01)

Rapidinhas do BIFE 2001

Batata (99) *et col.*, com a permissão das pessoas citadas

O Vacilão (ou O Esquecido, dependendo do ponto de vista) O Chuchu (01) foi esquecido no Posto de Abastecimento quando fomos à Serra Negra. Só percebemos quando ele ligou no celular do Paulo (01), 15 minutos após a saída do ônibus. O Paulo pensou que era trote.

"O Igor (00) é meu Amigo!!" **grito de guerra** dos meninos da Psico.

"A ECA miguela pão!!" idem.

"É culpa do Tatá (00)!!"- idem. (Lembrando que Tatá não foi ao BIFE.)

"A Juíza é mó Gatinha!! O Juiz é um Gaguinho!!" grito de guerra da Geologia, que ganhou apoio de várias faculdades, durante as provas de natação.

A Estréia Futebol de Campo Masculino: foi a estréia do Busfils (00) como jogador. Ficou na "banheira", freqüentemente impedido e quase marcou um gol de "chuveirinho", que na interpretação do Padre (00), iria ser um golaço de bundinha.

O cachorro da Vet Vôlei Feminino: no meio da partida, um cachorro invadiu a quadra e ficou latindo para as meninas da Vet durante boa parte do 2º "set".

O Tombo Handebol Masculino: O Batata (99) jogou uma partida oficial pela primeira vez desde que começou a usar óculos no início deste semestre (a última partida até então, fora no BichUSP 99, por sinal). Precisou reaprender a correr, sem a "prótese".

A Briga Futsal Masculino: no final da partida, uma menina da Vet ficou enchendo o saco do banco da Psico, até que o Sorô (97) jogou água nela. Como o Igor também estava com uma garrafa de água, ela pensou que este foi o responsável pelo ataque e disse: "Vai, joga na

caral! Quero ver se você é Homem!!" Igor, sem saber o que estava acontecendo, atendeu sua solicitação. Molhadinha, ela chamou o namorado para acertar as contas (que não foram acertadas afinal).

O Cestinha Basquete Masculino: o Baiano (00) foi o cestinha do time com 9 pontos, mas na opinião do Beto (00), foi o mais fominha e arremessou, sozinho, 200 vezes.

O "Maldonado" Natação: O Padre foi desclassificado em todas as provas de que participou, com exceção na do revezamento 50m. livre. Obs. A piscina era muito rasa...

A "Psina" é nossa!! No revezamento Medley Masculino, Beto, o âncora da equipe Psico (entenda-se âncora como sendo o último a nadar, aquele que tem maior responsabilidade), começou a nadar depois que todas as outras equipes já tinham concluído a prova. Aliás, deu uma cambalhota espetacular durante sua exibição.

O grito de guerra "oficial" da Psico, adaptado pela equipe de natação (Baiano, Beto, Clariana (01), Juliana (pós), Lígia (01), Mariana (99), Padre, Tigrão (00)) "Nós viemos par beber, Nós viemos par beber, Nós viemos par beber, Se afogar foi sem querer!! PsicoUSP!!"

Breja e Gol!! Após o término das provas de Natação, três são-paulinos, três corinthianos e um palmeirense foram correndo a um bar com TV a cabo, para assistir ao segundo tempo do clássico São Paulo e Corinthians, todos os torcedores comemoraram seus gols (terminou 1X1) e no final só o palmeirense ficou feliz. De tanto aperitivo consumido, desencanaram de voltar ao alojamento e foram direto ao ginásio onde à noite aconteceria o jogo da semifinal de vôlei feminino.

¶

...ainda sobre a calourada...

Pedimos - Carol (01) e Domenico (97) - que enviem os desenhos e os artigos até o dia 26 de novembro para Carol (01), no e-mail karupsico2001@yahoo.com.br.

Qualquer dúvida falar conosco ou com Vanessa (01).

Próxima reunião: 22 de novembro, quinta às 14:30h.

IP 30 ANOS - FALA DOS ALUNOS

Gui (98)

Celebramos 30 anos do nosso Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Anos de construções, conquistas e lutas. Anos nos quais os alunos que por aqui passaram deixaram suas marcas, de uma maneira ou de outra, na constituição deste espaço no qual nos encontramos hoje, da forma que é. Cada ato, cada pensamento, cada poema, cada rebeldia, cada gesto de amor daqueles que por aqui passaram fazem parte do que vivemos e respiramos hoje. O dia de hoje, no qual celebramos 30 anos do Instituto de Psicologia.

Trinta anos de história, de estórias. Mais fresca na memória está a greve do ano 2000, que teve ativa participação dos alunos do IP. Greve que por sinal, fez com que comemorássemos os trinta anos aos trinta e um. E a greve de 1992 para que fosse construída a nossa biblioteca, motivo de tanto orgulho este teto que nos acolhe neste momento. A luta contra o cercamento do nosso espaço físico. E a terrível ditadura nos anos 60, contra a qual muitos deram o sangue, literalmente. Não, não pode, não dá para deixar de homenagear neste momento aqueles que são parte da nossa história: aqueles que reconstruíram as nossas entidades estudantis nos anos 70; aqueles que legalizaram o Centro Acadêmico Iara Iavelberg em 86; aqueles que, em tempos mais recentes, organizaram um encontro nacional dos estudantes de psicologia; aqueles que, em 97, lutaram contra o cercamento do IPUSP, entre tantos outros acontecimentos que poderíamos lembrar. Enfim, fica nossa homenagem aos estudantes do passado, e a todos que hoje integram o CA, a Atlética, aqueles que fizeram parte do Diretório Central dos Estudantes, os que dão vida ao Núcleo de Ação pela Cidadania, ao Cursinho, ao Ipê Recicla, os que caminham contra o lixo...

Muitos que muito fizeram, ou algo fizeram, para que hoje comemorássemos trinta anos. Mas não só para que nos embriaguemos, de alegria, saudosismo ou álcool. Tampouco para que apenas celebremos nossas publicações e trabalhos que muito contribuíram para o conhecimento psicológico. Em memória destes militantes, é necessário que também façamos uma auto-reflexão do que significa esta idade em nossas costas. Auto-reflexão: um momento para que olhemos para trás, para frente e para nosso chão.

E sobre algo que nós alunos queremos refletir hoje é a tão polêmica reforma curricular. Se o aniversário fosse do currículo, a festa seria igual tanto para o primeiro quanto para o trigésimo ano. Nosso currículo não apresenta quase nenhuma mudança

significativa desde que foi concebido. Os esforços foram esgotados em diversas vezes para que conseguíssemos alterá-lo na sua essência. Em vão. O medo de tocar em feridas e abrir outras novas foram demais assustadores. Nossos velhos departamentos se enclausuram cada um em seu canto. Nos bastidores é que as articulações, as tramitações, os interesses, as divergências e as angústias acontecem. Faltam espaços públicos para o debate. Muitos pensamentos não se tornam de domínio coletivo, e se perdem com o tempo. Depois voltam, ameaçadores, e são abafados. Assim também são os serviços que oferecemos no bloco de atendimento. É uma vitória o fato de hoje o termos, em vez de um barracão. Mas justamente para valorizar a luta daqueles que o construíram, é que precisamos pensar sobre a desarticulação entre os diversos atendimentos, que em última análise reflete nosso tipo de organização.

Há também outras questões que queremos lembrar. O Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo está inserido em um contexto. Ora, Psicologia e Universidade de São Paulo estão em nosso nome; estamos em nome deles. E qual é nosso compromisso? A falta de articulação interna reflete em quase omissão. Alguns, isoladamente, ainda militam em suas causas. Mas é pouco. A que pé anda a discussão sobre a extensão universitária, as fundações de apoio, a democratização do poder, a ampliação de vagas? E o registro de especialistas em psicologia, a regulamentação da psicopedagogia ou da psicanálise como profissão, o caráter da psicologia, tecnicista ou crítico-reflexivo? E a avaliação do nosso curso, e o Provão? Onde está o Instituto, como Instituto, nestas discussões? Onde ele está quando se decide sobre inquéritos contra estudantes que participaram de manifestações? E quando o CO proíbe manifestações durante a questionável votação para reitor, sob pena de "eliminação"?

Nós, alunos, não devemos, no entanto, nos esquivar quando questionamos e criticamos. Também fazemos parte de tudo, afinal não foi à toa que lembramos nossa história. Somos sim responsáveis diante do quadro apresentado; também estamos de pñcel namão apintá-lo.

Deixamos então, explicitado, um convite. Todos aqui presentes, e ausentes, que fazem parte de uma forma ou de outra da nossa corrente história: sintam-se convidados. Vamos celebrar as conquistas de nosso Instituto, vamos comemorar nosso presente. Mas sem deixar de lado a reflexão, concretizada na ação. ■

BUSÍLIS E JAVÉ

Inspirado em trechos dos livros: "Gênesis" e "Êxodo" da Bíblia
Beto (00)

4

Busílis Vs. Javé: "Amôrte"

Talvez seja a prepotência humana que nos faça acreditar que só existe um Ser acima de nós, Deus; ou pior que não exista Ser algum.

Dr. Silas foi "sugado" pelo nada. Nunca mais falou ou se mexeu. Tinha reflexos, respirava... fazia tudo o que pode ser feito sem a intervenção da consciência, mas se mantinha inerte. Busílis o olhava triunfante em meio ao coro de seus seguidores e de alguns ex-cépticos que ali estavam. Assim ele ergue suas mãos e pede a todos que se calem. E em meio ao silêncio ele solta sua derradeira frase do combate: "A mentira está com aquele que diz ter a verdade!" Todos voltam a celebrar Busílis. Mas nem todos os pupilos de Dr. Silas se viraram para o lado do profeta de Javé: as irmãs Papin, que tratavam Dr. Silas como um Deus, se tomaram por uma ira sem tamanho e desejavam vingança!

As duas decidiram tirar de Busílis o que ele mais amava: dar a ele o troco, deixá-lo como elas estavam. Como não podiam fazer nada a Javé foi a mulher de Busílis, a vítima escolhida para a execução da vingança. Mataram a pobrezinha com um homem só era considerado um homem adulto, após sua primeira desilusão requintes de crueldade. Nada sobrou da pobre Yumi. De noite, quando ela ia para seu quarto no Othon Hotel elas a pegaram. Busílis não acreditou, quando viu. Suas mãos e seu corpo estavam totalmente presos nas algemas da impotência, nada podia fazer. A morte lhe causara uma dor indelével, seu coração parecia que ia parar de pulsar, mas, infelizmente, não parava.

Na antigüidade amorosa. Nada mais justo, visto que é frente a esse tipo de situação que o homem (ou a mulher) reconhece sua qualidade de impotente, mas os antigos se "esqueceram" que a morte da pessoa amada pode trazer igual sentimento. E Busílis estava ali frente à dor e se lembrou de que alguém que poderia intervir, não interveio e blasfemou contra Javé em seus pensamentos: "Javé Fídaputa!"

Javé não podia deixar que a raiva de Busílis se voltasse contra Ele e assim ele "veio": "BUSÍLIS! COMO OUSAS PROFERIR-ME NOMES DE BAIXO CALÃO!" "E você como "ousas" permitir que morra minha amada mulher, ainda mais de maneira tão cruel!?" "NADA PUDE FAZER BUSÍLIS..." "Como

nada pôde fazer!? Tu não és o Ser Supremo, Onipotente!?" "SIM! O PODER DE VÓS ACABA, QUANDO O MEU COMEÇA.... MAS O MEU PODER SE ACABA, QUANDO SE INICIA O DE VÓS: NADA POSSO FAZER CONTRA A RAIVA DE VÓS SERES HUMANOS E NADA POSSO FAZER CONTRA QUEM A SENTE.. VÊ: A TUA RAIVA TE CEGA E NEM OS PRAZERES QUE MINHA COMUNICAÇÃO TE PERMITEM FAZEM COM QUE FIQUES DO MEU LADO." "Mas como?... Por que tu criaste seres capazes de cometer tais atos?" "A LIBERDADE QUE VOS DOU ME TIRA A MINHA FORÇA..." "Mas por que deste esse poder de liberdade ao homem, se sabes que nós não podemos conviver com ele!? Eu não entendo..." "NÃO TE PREOCUPES EM 'ENTENDER', BUSÍLIS. VIVER ULTRAPASSA TODO ENTENDIMENTO*.NÃO TENTES CORTAR O VENTO QUE VEM DA NATUREZA! DE PRONTO TE DAREI UMA NOVA MULHER, PARA QUE TU CONSIGAS..." "Não quero uma nova mulher quero a minha Yumi." "SABES QUE ISSO EU NÃO POSSO FAZER, MAS A NOVA MULHER QUE TE DAREI TERÁ MAIS QUALIDADES DO QUE SE POSSA IMAGINAR E TU TERÁS COM ELA MAIS HERDEIROS...." "...do que há poeira no chão. Isto Tu já falaste uma vez." "JÁ FALEI, MAS TU NÃO CONHECESTE ESSA MULHER..." "Não era a Yumi!?" "NÃO, NÃO ERA!" "Hummm!" "AGORA ESPERA, QUE LOGO TU A ENCONTRARÁS." Busílis parou por um momento, refletiu, enquanto Javé "partia": "Não era Yumi?... não era Yumi!?"

A cabeça de Buza fica, assim, cheia de interrogações. Ele vai ao enterro de sua mulher. Depois acompanha o julgamento das irmãs Papin, que têm suas prisões perpétuas decretadas e fica por muito tempo sem nada falar.

Se tornou um homem sem expressão, tomado pelo desgosto e o desprazer. Construiu algumas igrejas, dava alguns seminários e entrevistas, mas a sua força, a sua alegria eram momentâneos, não o mantinham no grau perfeito da satisfação. Seus seguidores começaram a se afastar, quando num repente, em uma das andanças que Busílis costumava fazer toda a noite só com seus pensamentos, ele a vê: Zélia Flávia. Até então, Busílis nunca vira tamanha beleza. Tinha olhos de hipnotizar, decerto isso ela tinha. Um sorriso

meigo; rígido e flácido. Um contraste belo do toque dos olhos enganosamente ingênuos e da boca semi-carnuda. Zélia Flávia tinha "o conhecimento e um corpo gostoso". Essa mistura fazia de Busílis uma vítima de seus desejos, nem Javé tinha tamanho poder sobre Busílis como teve essa mulher. Seus olhos logo penetraram o corpo e a alma de Busílis, nada ele pôde fazer, apenas sentir que há ainda o porquê de viver. Ele se aproxima dela e: "Ichspaltung!" "saúde!", diz ele. Ela agradece e ele com suas novas "armas", dadas por Javé, logo a "ganha". Ela se "entrega" e se casam, então, no mesmo dia.

Em suas preces, a noite, Busílis agradece a Javé a vinda de tão completa mulher para sua vida. Sua satisfação era enorme, estava agora ao lado da "mais simpática!", a mais bela e a mais sábia de todas. Todo seu sistema límbico não o permitia dormir, a adrenalina do amor, a tensão do tesão tudo isto fez com que Busílis conhecesse uma noite de sexo sem limites. E o depois foi ainda melhor: a memória

daquele que não está vendo, mas sabe que há uma mulher a seu lado, perfeita para ele, que o ama e o completa

"BUSÍLIS, AGORA TU TENS O QUE SEMPRE ME PEDISTE. TENS FILHOS, APROVEITA! CONTINUA PASSANDO MINHA PALAVRA EM TEU PAÍS COM A AJUDA DE TUA NOVA MULHER. DENTRO DE ALGUNS ANOS VOLTAREI A ME COMUNICAR PARA TE PASSAR A TUA MAIS IMPORTANTE MISSÃO. ADEUS, EU TE ACOMPANHAREI" "Obrigado, Javé!"

Continua

* Frase de Clarice Lispector, sem o Busílis, é claro.: "Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em 'entender'. Viver ultrapassa todo entendimento." (A Hora da Estrela).

Cecília Meireles: poesia e prosa

José Israel (01)

Lembro o nascimento há 100 anos de Cecília Benevides de Carvalho Meireles. Foi em 07.11.1901 no Rio de Janeiro. Cecília Meireles nasceu órfã de pai, perdeu a mãe aos três anos e, ainda menina, seus irmãos, mortos prematuramente.

Em sua infância, Cecília teve a companhia da avó materna, que a tutelava, e de uma pajem negra maternal que lhe contava, cantava e dramatizava histórias do folclore brasileiro. Mas, sua maior companhia era a dos livros. Muitos livros de histórias e com gravuras. Essa intimidade prematura com a morte, esse contato tão estreito com o imaginário popular e um gosto especial pela leitura deixaram-lhe marcas profundas. As tragédias despertaram-lhe cedo a consciência para as estreitas relações entre o efêmero e o eterno. A morte, o silêncio e a solidão seriam fontes para a sua inspiração literária.

Cecília Meireles cantava, tocava violino e escrevia muito. Escreveu cerca de 30 livros de poesia. Começou como poetisa parnasiana, publicando *Espectros*, aos dezoito anos. Integrou-se ao Modernismo em 1922 através da corrente espiritualista, mas "ao contrário dos modernistas,

vinculados à poesia francesa, Cecília foi muito marcada pela tradição ibérica" (Augusto Massi, da FFLCH-USP).

Cecília mostrou sempre grande sensibilidade e linguagem sutil, valorizando os símbolos, apelando às sensações e à musicalidade em seus poemas. Em 1939 ganhou com *Viagem* prêmio da Academia Brasileira de Letras e o ingresso no círculo dos maiores poetas brasileiros. Cecília deixou vasta obra em prosa (cerca de 23 volumes) a maior parte dela ainda não publicada. Foi jornalista, professora, tradutora, dramaturga, cronista, conferencista com projeção internacional e grande missivista. Defendeu arduamente uma reforma educacional no Brasil ligada aos princípios da então revolucionária Escola Nova de Anísio Teixeira. Era fascinada pelo Oriente, com destaque para a Índia, cuja cultura divulgou no Brasil, traduzindo obras do poeta R. Tagore.

Cecília Meireles faleceu em 09.11.64.

* Informações extraídas do artigo Um século de lirismo in *Jornal da USP*, Ano XV, nº 574, 5 a 11.11.2001, p. 13.

Controvérsias sobre a nova decoração do banheiro feminino (ou se preferirem: Caindo de BOCA no falo)

Telma e Jacque (97) + Sabine (97)

Diante da dimensão tomada pelo artigo anterior criou-se a necessidade de dialogar sobre uma questão polêmica e que não se encerra com interpretações prematuras de fatos isolados. Soma-se a isto a questão da ética que transpassa o fato, por conter uma interpretação tão agressiva e pessoal. Pensamos que não há dúvidas quanto a resposta dada ao artigo de Jacque e Telma ser silenciadora.

Para tranquilizar um pouco os ânimos esclarecemos (Telma e Jacque) àqueles que se fixaram na representação do pênis que nossa indignação se encontra numa questão anterior ao que foi desenhado, embora seja claro que desenhos como esse possam ser para algumas pessoas mais agressivos, e isso é compreensível. Ela se encontra no ato em si, principalmente, ou alguém desconsiderou nossa menção aos funcionários cuja função é, dentre muitas coisas, manter o local limpo? Será que ao defendermos as pichações e o anonimato que justamente as assegura e as "fundamenta" não observamos que também há humilhação sobre os funcionários da limpeza? Da mesma forma será que as pichações contemplam muitos quanto à revolta ao sistema? Ou ao que quer que seja a "temática" e ainda que condizesse, será que essa é a melhor forma de fazê-lo? Aceitar o ato da pichação como uma expressão, até do coletivo, e argumentar que se alicerça muito no anonimato é legitimar naturalizando uma expressão que não liberta o sujeito da ação. O que é pior, ao naturalizarmos esse ato contribuimos para o pensamento de que nada pode ser feito, de que sempre foi assim e que vamos, no espaço compartilhado, pichar. Poderíamos fazer inúmeras cogitações do que levaria uma pessoa a fazer tal ato, no entanto, o cerne da questão é outro.

Nesse contexto já podemos esclarecer que pensamos que antes de sermos futuros psicólogos somos eternos cidadãos e com certeza quando escrevemos, foi nos colocando nessa condição humana. O psicólogo não é um ser etéreo que está além da humanidade e do que a afeta. A questão sobre cidadania ultrapassa o episódio do banheiro,

que é pequenino mas que é o reflexo de formas de pensamento que ignoram a existência de outras pessoas na sociedade. Isto vai desde o banheiro até a forma como dirigimos no trânsito, vai desde nossa preocupação com recursos naturais tais como água, ar, florestas e animais até a maneira como vemos o outro.

Não se trata de repressão autoritária ou conservadorismo mas de limites necessários, que se instauram, na medida em que há o convívio social. Acreditamos que todos nós tenhamos a noção de que vivemos num mundo compartilhado e que, portanto, não é possível darmos vazão a todos os nossos desejos e impulsos a qualquer hora, em qualquer lugar. Foi-nos apresentada uma visão que justifica a livre expressão em banheiros, mas resta uma pergunta: além do anonimato, qual é a real diferença entre desenhar num banheiro público e fazer exatamente a mesma coisa nas telas dos micros da pró-aluno? Por que o primeiro caso é defendido por alguns e o segundo caso seria unanimemente condenado? Então qual é o limite?

Nossa intenção é lançar luz na seguinte questão: que instância é capaz de deliberar entre a discriminação do que é um ato democrático e um ato delinqüente?

No mínimo levantamos esses estranhamentos para provocar algum arejamento nas mentes alheias.

PS1: achamos curioso que a frase que acompanhava a nova decoração do banheiro (e que deixava explícito que a tão falada representação era dirigida a uma pessoa vulgo Fanny) foi misteriosamente apagada, enquanto a "arte bruta" ("enorme pinto", pênis, falo, ou ao gosto do freguês) continuou lá como "desrespeito às senhoras e senhoritas" ou para o deleite dessas.

PS2: certas pessoas cogitaram que Jacque e Telma teriam colado uma cópia de seu artigo no banheiro. No mínimo isto seria uma incoerência!!

ASS: "Senhoras e senhoritas do banheiro"

IV

O Último Capítulo do Primeiro

Renato (01)

Faltavam dois ou três dias para que o ano de 1992 - para mim, repleto de boas lembranças até então - chegasse ao fim. Estava numa praia de São Sebastião quando recebi a notícia de que Daniella Perez teria sido assassinada por Guilherme de Pádua. Eles atuavam na novela das oito, que era sucesso absoluto, da tv Globo. *De Corpo e Alma* explorava a sensualidade com cenas ousadas e músicas de discoteca. Eu, que tinha 12 anos, não poderia deixar de ser uma presa fácil da trama. Muito bem, voltemos à praia. Lá estava eu, jogando frescobol, no momento em que recebi a inesperada notícia. Em princípio retruquei: "Ah tá... Mas ele a matou na novela, né? Foi a personagem dele que assassinou a personagem dela, não foi?", mas as pessoas diziam que não; era um caso da vida real.

No dia seguinte, lembro-me de ter lido absolutamente tudo que saíra nos jornais a respeito do assunto. Mais uma vez presa fácil - agora do sensacionalismo cativante. A atriz fora assassinada por Guilherme e sua esposa brutalmente a tesouradas. Os assassinos, que num primeiro momento foram à delegacia consolar os familiares de Daniella, confessaram depois o crime. À medida que lia, logicamente chocado e assustado, confesso que sentia uma espécie de prazer perverso. A história toda marcou-me ainda mais ao descobrir que a gatinha que acompanhava Raul Gazola um ano antes, quando os vi num aeroporto, era a Daniella.

Em 97, Pádua foi condenado a 19 anos de prisão pelo assassinato da atriz. Paula Tomaz, sua mulher, também foi condenada. A partir daí, a

justiça brasileira já começava a aprontar das suas: em 99, o ex-ator obteve a liberdade condicional e, em maio de 2000, uma redução de 25% da pena. E, para piorar mesmo, Guilherme de Pádua está a um passo de ter apagada de seu currículo essa barbárie. É que o Conselho Penitenciário de Minas Gerais, por 8 votos a 2, concedeu parecer favorável ao pedido de indulto feito pela Defensoria Pública do Estado. Os defensores de Pádua basearam-se no item 4 do artigo primeiro do decreto, que garante indulto ao pai ou à mãe de filho menor de 12 anos, condenados à pena privativa de liberdade superior a seis anos, que já tenha cumprido um terço da sentença. Que palhaçada é essa? Como estudante de psicologia, tenho que acreditar na recuperação do ser humano; em que, de fato, acredito. Mas não é com impunidade que se resolvem as coisas.

Hoje, vivemos em função do privado: a moda não é mais a novela fictícia, mas a vida íntima das pessoas; um programa de fofocas repercute mais do que um jogo da seleção brasileira, que, aliás, afasta cada vez mais rebanho. E a mediana somos nós, que, no meio da bagunça, somos atores e espectadores do grande espetáculo que se chama modernidade.

Guilherme de Pádua, há 9 anos, muito antes do *No Limite* e do *Casa dos Artistas*, inaugurava no Brasil o estilo de programas que prioriza a vida real, ou seja, o privado, e que dá muito ibope. Talvez por isso, os detentores do poder, reconhecendo o grande feito de Pádua, queiram que o último capítulo desse primeiro programa também tenha um final feliz. E eu digo com toda a vergonha que, aos 12 anos, fui um de seus primeiros espectadores. ■

"Estilhaços de Hamlet"

Rubens (01)

Uma leitura do Grupo de Teatro da Poli (GTP) sobre a obra-prima de William Shakespeare. Vera (99) como Gertrudes (Rainha) e Rubens (01) como Hamlet.

Dias 12, 13 e 14 no prédio da Administração da Escola Politécnica às 20:00h. ■

Rapidinhas...

Xadrez: Troféu "O que Treina"

Quartas de Final

IME (00) 2X1 Pipinho (97)
Manfré (01) 1X2 Loco (00)
Redondo (01) 2X0 Danilo (98)
José Israel (01) 2X1 Domeck (97)

Semifinais

IME X Loco
Redondo X José Israel

Obs.: O José Israel (representante do BOCA no torneio !!) já venceu o Redondo por 2X0 e está na final.

Batata (99)

Vice-reitor fica em 1º lugar na lista tríplice – Definida a lista tríplice de candidatos a reitor da Universidade de São Paulo. O geólogo Adolpho Melfi, atual vice-reitor, ficou destacado em primeiro lugar. Erney F. P. de Camargo e Antônio M. de A. Massola completaram a lista.

A decisão ocorreu apenas no terceiro escrutínio, por maioria simples. Compareceram ao pleito 245 votantes, representantes do Conselho Universitário e dos Conselhos Centrais, que podiam votar em até três nomes. O Governador deve indicar o nome do novo reitor até o dia 26 próximo. [José Israel (01)]

Pos. Candidato	Resultado FINAL		
	Escrutínio 1	Escrutínio 2	Escrutínio 3
> Brancos	269	269	222
> Nulos	3	0	0
1 ADOLPHO JOSÉ MELFI	121	138	145
2 ERNEY F. PLESSMANN DE CAMARGO	79	98	107
3 ANTONIO MARCOS DE A. MASSOLA	71	90	85
4 ADA PELLEGRINI GRINOVER	55	53	48
5 HERNAN CHAIMOVICH	57	34	50
6 MAGDA Ma. S. CARNEIRO SAMPAIO	42	29	43
7 JAIR BORIN	38	18	19
8 GIL DA COSTA MARQUES	5	3	1

* Informações extraídas do artigo: Melfi é o mais votado no segundo turno. in *Jornal da USP*, Ano XV, nº 575, 12 a 18.11.2001, p. 16.

DOAÇÃO DE AÇÚCAR – ÚLTIMA SEMANA DE COLETA – Solicita-se açúcar em pacote (1kg) para inclusão em Cestas de Natal. As cestas serão distribuídas a 400 famílias das crianças das creches públicas: André Rego dos Santos e Cantinho Feliz (Zona Norte de São Paulo). Para mais informações e entrega de doações, favor procurar Débora Chammas no 2º ano.

Repressão e silenciamento da repressão...

LUIS (99)

